

Ao professorado do ALGARVE

Chamamos a atenção de todo o professorado algarvio, para um interessante artigo publicado pelo diário «Vitória» no seu numero de 26 de Março findo, em que muito justamente se põe de sobreaviso todo o professorado português contra uma circular, parece que emanado do Porto, em que se solicita o seu apoio para determinada exposição que seria presente ao sr. Ministro da Educação Nacional.

Adoptando um tom de aparente respeito, parecendo dar a mais plena garantia de não ser movida por quaisquer intenções ocultas, nela mais se não pretende do que especular com as dificuldades económicas em que todos nos debatemos, procurando aliciar o professorado para um acto de autentica insubordinação, que não podia deixar de provocar as mais enérgicas sanções do Governo.

Essas dificuldades económicas que todo o funcionalismo sofre e que, de uma forma geral, toda a gente sente, não são mais do que o triste reflexo da tragédia que enluteu o mundo e de cuja fase mais crua e mais aguda Portugal se livrou pela graça de Deus exercida através da extraordinária prudência dos seus chefes. Ela não é mais do que o desagradável mas inevitável tributo que o nosso País tem que pagar às circunstâncias trágicas do momento.

Todos temos que suportá-las com firmeza, com espirito de sacrifício, com serenidade e com fé.

Pretender que o Governo as desconheça ou as despreze, é negar em absoluto aquele espirito de clarividência de que ele tem dado sobejas provas em situações bem mais difíceis.

Procurar arrastar uma classe, que tem que ser e tem sido estruturalmente ordeira, para uma manifesta posição de indisciplina e de ilegalidade, não é querer resolver os seus problemas, mas, pelo contrário, complicá-los, arranjando vítimas para um sacrifício inglório em prol de intenções ocultas, não é mais do que uma maneira hábil mas facilmente desmascarável de procurar pretextos para vir depois clamar contra supostas desumanidades, tiranias, perseguições e violências.

E se, em face do agravamento do custo da vida, a situação de todos é precária, se essa situação deve ser para o professorado primário, por exemplo, particularmente difícil, atento o modesto nível da sua remuneração, não é menos certo que não é sério, que não é bem intencionado, que não é revelador de bons propósitos, o pretender que o mesmo professorado passe a auferir o ordenado mensal de 3.500 escudos, a que a mesma circular alude.

Como muito bem salienta a «Vitória», ele passaria a receber dessa forma uma remuneração que o colocava no topo da escala hierárquica de todo o funcionalismo, logo abaixo dos ministros plenipotenciários, dos directores gerais e dos altos magistrados.

Quem coloca um assunto neste pé, não procura contribuir para a sua solução.

Longe de servir a causa nacional, pretende apenas arrastar uma classe para a desordem, minar os alicerces da própria organização social, lançar os portugueses uns contra os outros e satisfazer sinistros fins.

O «Correio do Sul» que sabe ter entre o professorado algarvio um elevado número de leitores e que veria com desgosto que alguns viessem a sofrer as sanções que uma atitude de tal natureza certamente determinaria, chama a sua atenção para a manobra que a «Vitória» desmascarou e aqui lhes deixa o amigável aviso.

“O ALGARVE”

fez o seu 39.º aniversário

Com o seu último numero, entrou no 39.º ano de publicação, o nosso presado colega local «O Algarve», decano da imprensa da nossa província.

Apreciando sobremaneira a persistência do seu esforço e a dedicação com que sempre tem sabido pugnar pelos interesses regionais, facilitamos muito cordealmente o seu director e proprietário e fazemos votos para que «O Algarve» — a que nos ligam laços de especial amizade — continue ainda por muitos anos a manter-se na lide inglória em que todos nos debatemos.

As obras do porto de PORTIMÃO

Segundo informa o nosso presado colega «Comércio de Portimão», foi no dia 14 de Março findo assinado contrato com a empresa Senel, L.da para a execução das obras do porto e barra daquela importante cidade algarvia.

Ao referido contrato falta agora apenas o «visto» do Tribunal de Contas, pelo que tudo faz prever para muito breve o início dos respectivos trabalhos.

Com eles se valoriza uma das melhores riquezas do Algarve e se dá, finalmente, plena satisfação a uma das mais justas e das mais velhas aspirações de todos os portimoneses.

Alcoutim

reconhecida

Do sr. José Maria Mendes Amaral, ilustre Presidente da Camara Municipal de Alcoutim, recebemos um penhorante officio em que nos agradece as referências que fizemos no nosso último numero à sede do seu concelho e as palavras animosas com que dissemos esperar vê-la em breve mais activamente integrada no concerto da vida regional, como aliás é de inteira e elementar justiça.

Não tem Alcoutim nada que nos agradece, pois sempre, através de uma intensa actividade jornalística em prol da nossa província, procuramos servir o Algarve inteiro, sem preocupações especiais por este ou aquele sitio e antes procurando pugnar sempre, com o mesmo carinho, pelo desenvolvimento de todos.

Anunciam-se agora, importantes melhoramentos no desgarrado concelho do sotavento algarvio.

Folgamos com a boa noticia e cá ficamos a postos para dar-lhes, na altura própria, o merecido realce.

Alcoutim continua dessa forma a contar com o nosso incondicional auxílio, pois que o «Correio do Sul», sob esse ponto de vista, não tem outra preocupação que não seja a de procurar ser um jornal do Algarve para os algarvios e dos algarvios para o Algarve.

E assim julga ter sempre cumprido.

3.000 contos

para o futuro aerodromo de FARO

Correspondendo à necessidade de considerar com a indispensável largueza o problema das instalações para o desenvolvimento do tráfego aereo, o Ministério das Obras Públicas vai dispendir durante o ano económico em curso a importância de 39.000 contos na construção de aeroportos e aerodromos.

Dêste montante destinam-se 12.000 contos para a construção do aeroporto marítimo de Lisboa, 8.500 para o aeroporto da mesma cidade, 5.000 ao de S. Jacinto, perto de Aveiro, 3.000 ao de Faro, 3.000 ao de Montijo, 2.000 ao do Porto e 5.000 a outros aerodromos e instalações para aviação civil.

Como se verifica da presente noticia, a construção do campo de aviação do sitio da Arábia está perfeitamente assegurada, como já por mais de uma vez temos informado, e deve iniciar-se dentro de muito pouco tempo.

SUBSÍDIOS

às Instituições de Assistência

Pela Direcção Geral de Assistência foram concedidos os subsídios de cooperação para o ano corrente às seguintes instituições de assistência do distrito de Faro:

Albufeira: Misericórdia, 8.000\$; **Faro:** Misericórdia, 50.000\$00; Asilo de Santa Isabel, 10.000\$00; Refúgio de Aboim Ascensão, 6.000\$00; Florinhas do Sul, 5.000\$00; **Lagoa:** Misericórdia, 8.000\$00; **Lagos:** Misericórdia, 15.000\$00; **Loulé:** Misericórdia, 15.000\$00; Casa da Primeira Infância, 4.000\$00; **Monchique:** Misericórdia, 10.000\$00; **Olhão:** Instituto de Assistência Social de Nossa Senhora de Fátima, Asilo de velhos e crianças, 48.000\$; **Silves:** Misericórdia, 24.000\$00; **Tavira:** Misericórdia, 15.000\$00; **Portimão:** Misericórdia, 18.000\$; **Lar da Criança,** 4.000\$00; **Vila Real de Santo António:** Misericórdia, 12.000\$. Total: 252.000\$00.

A VISITA DA ESQUADRA BRITANICA

foi uma homenagem à correcção da nossa política externa

Pelo Prof. BRAZ DOS REIS

A «Home Fleet» permaneceu durante alguns dias no Tejo, chefiada pelo «Nelson», o navio-almirante da esquadra metropolitana inglesa. Esta visita envolve o mais alto significado, não é uma simples visita de cortesia ou de amizade, é qualquer coisa de superior a tudo isto. Esta visita representa, para Portugal e para os homens do Estado Novo, qualquer coisa muito especial. Esta visita é uma homenagem enviada pela nossa multi-secular Aliada, a Inglaterra, como sinal do seu mais profundo e sincero reconhecimento pela correcção da nossa política externa, durante o conflito que ameaçou destruir, completamente, os alicerces de toda a civilização e os princípios de toda a solidariedade humana.

O povo português está satisfeito, porque vê, com acentuado prazer, a justiça desta homenagem.

Queremos registar aqui algumas das afirmações feitas por motivo desta visita.

No banquete realizado na Embaixada Britânica falou, desta forma, o Senhor Embaixador da Inglaterra: «E' esta a primeira visita feita pelo comandante da «Home Fleet» a um país estrangeiro depois da guerra». E noutra passagem do seu importante discurso disse: «A Inglaterra e Portugal podem talvez comparar-se a dois navios que naveguem juntos, sendo um deles navio de

A Praia de Faro

vai ser oficialmente classificada

Devido aos esforços da Comissão Municipal de Turismo, dedicadamente coadjuvada por outras entidades locais a quem o assunto está oficialmente adstrito, a Praia de Faro vai ser classificada como praia de 3.ª classe.

guerra e o outro navio de reabastecimento, um a espada e o outro o alimento da vida, ambos essenciais para um fim comum». Nestas palavras do Embaixador Britânico está bem patente o reconhecimento da Grã-Bretanha para com Portugal. Por elas podemos ver que o sentir do povo inglês é unânime, Portugal contribuiu mais para a guerra, com a sua neutralidade colaborante, de que teria contribuído se tivesse tomado parte efectiva na mesma.

Foi isto mesmo o que, bem claro (Continua na 4.ª página)

MORREU

o «Poeta das Aldeias»

Vítima de um desastre, morreu há dias em Castro Marim uma figura popular e típica daquelas redondezas, Domingos Guerreiro Basílio de seu nome, mas mais conhecido pelo «Poeta das Aldeias», visto que versava com certa facilidade e inspiração.

Velho republicano, várias vezes regedor da sua freguesia e até vereador da Camara Municipal, tinha agora a seu cargo a condução das malas do correio entre Castro Marim e Odeleite e foi nesse posto que morreu, por ter dado uma queda grave quando regressava a sua casa na aldeia do Asinhal.

Era portanto uma pessoa prestável, um velho e honrado trabalhador.

Morre com 72 anos e da memória das gentes de algumas léguas em redor, da memória do povo que lhe decorou os versos e que aprendeu a cantá-los, estamos certos que a lembrança da sua figura típica tão cedo desaparecerá.

O Milagre de Fátima

inspirou uma linda tela a um jovem pintor holandês

Criticar obras de Arte é tarefa que requiere, do crítico, uma demonstração de recursos vastos de cultura, de formação intelectual, de claro sentido artístico. Sem tais atributos, realmente necessários, e aliados íntimos que devem ser ainda de certa facilidade de expressão literária, sempre o crítico ficará sujeito a ouvir, na primeira oportunidade, a histórica e célebre reprimenda: «não vá o sapateiro alem da chinela»...

Pôsto o introito, e tendo, quem estas linhas subscreve, em reduzidíssima conta os méritos próprios (e por justo sentido de auto-crítica que não por exagério de falsa modestia afirma) já se deixa ver que o presente escrito não pretende exceder os limites de uma apreciação pessoal sem intenções didácticas ou catequizantes.

Justamente para eximir-me a responsabilidades que sinto superiores às minhas modestas faculdades, sistematicamente tenho evitado escrever com intuídos críticos acerca de coisas de Ar-



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA pelo pintor holandês Jan B. Slepser

te, pelas quais sou, aliás fervoroso interessado. Porém, uma que outra vez, por solicitação de amigos, tenho aquiescido em trazer para a letra redonda de jornais e revistas um ou outro comentário, ligeiro parecer, despretençioso opinião. E é tudo. Assim, não é por um imperativo do meu espirito que hoje venho roubar a este jornal algumas linhas, e aos seus leitores alguns minutos.

Mais uma vez me obriga um pedido, e este, por razões várias, de impossível esquiva. O certo, mesmo, é ter eu já protelado para além do tempo em que se limita a delicadeza a minha apreciação ao quadro «Nossa Senhora de Fátima» do jovem pintor holandês Jan B. Slepser, de que a presente crónica se ocupa. Compatriota do artista e seu devotado admirador, o meu prezado amigo sr. Luis Pierre Shols de há muito me vinha pedindo o parecer que, finalmente, fica aqui, mercê da aceitação gentil do director deste jornal (Continua na 2.ª página)

BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Hoje, 4, o sr. Justino Ferreira Chaves. Em 5, os srs. eng. Sebastião Ramires e dr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo.

Em 6, a menina Tereza Maria Mendes de Sousa Uva e os srs. dr. João José Ferro, engenheiro-agrônomo Mário de Brito Soares, Virgílio Ferreira Faguiha, Aurélio de Barros Rebelo Neves e José de Sousa Figueira.

Em 7, a sr.^a D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho e os srs. António Correia Baptista e José Maria da Silva Pereira.

Em 9, a menina Maria Eugénia Contreiras Dias Cortada.

Em 10, a sr.^a D. Maria Amélia Vaz do Carmo.

Em missão oficial, está em Faro o sr. dr. Mário de Oliveira, sub-inspector do Conselho Técnico Corporativo.

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Lidia Vitoria Baptista, esposa do sr. António Correia Baptista, funcionário da Camara Municipal desta cidade.

Encontra-se nesta cidade, de visita à família do sr. Zeferino Silva, a sr.^a D. Maria Joaquina de Matos Figueira, filha do sr. dr. Luis Figueira, de Lisboa.

Em missão oficial encontra-se no Algarve o sr. engenheiro Amílcar Lizardo Chambe, da Direcção Geral dos Serviços Electricos.

Com pouca demora esteve em Faro o sr. dr. Romão Duarte, reitor do Liceu do Infante de Sagres, em Portimão e nosso estimado colaborador.

De visita a sua irmã e cunhado, está em Faro a sr.^a D. Maria Leonilde Remachado Mendes, de Messines.

Com sua esposa está em Faro o sr. dr. Pavão Leal.

De visita a sua família veio ao Algarve o sr. Manuel Viegas Carrascalão, recentemente vindo de Timor, onde sofreu as agruras da ocupação nipónica e que em breve regressa à mesma colónia no exercício das suas funções de empregado do Estado.

Em serviço oficial foi a Lisboa o sr. Manuel Pereira, chefe da Secção de Finanças deste concelho.

Com pouca demora foi a Coimbra o sr. eng. José de Campos Coroa.

Deu à luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. Armindo de Oliveira Sousa, funcionário do Grémio dos Exportadores de Frutos do Algarve.

Depois de alguns dias de permanência nesta cidade, em serviço oficial, seguiu na passada terça-feira para a comarca de Ourique, o inspector judicial sr. dr. Carlos Henriques da Silva e Sousa.

De passagem para Silves, esteve nesta cidade, com pouca demora, o sr. Raul Jacinto, inspector dos caminhos de ferro em Évora.

Foi a Lisboa o sr. dr. Eurico Jardim de Carvalho.

Completamente restabelecida, regressou de Lisboa, com sua filha, a sr.^a D. Alda Ester Amor Neves.

Com sua esposa e filha esteve em Faro o sr. José António Infante, verificador da Alfandega do Porto.

Foi a Lisboa com demora de alguns dias o sr. Idílio Jorge dos Santos Mendonça.

Na igreja de S. Vicentia realizou-se em Lisboa o enlace matrimonial da ex.^{ma} sr.^a D. Zélia de Sousa Horta, prendada filha da sr.^a D. Maria dos Santos Horta, já falecida, e do sr. José de Sousa Horta, industrial no Montijo, com o sr. Victor de Sousa Correia, comerciante desta praça.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, seus tios, sr. Domingos Horta e sua esposa, e por parte do noivo, seus pais, sr. José de Sousa Correia do Vale, proprietário em S. Braz de Alportel e sua esposa.

Regressou de Lisboa o sr. Virgílio Martins Caiado.

Esteve no Norte o sr. João Pinto Ribeiro.

Regressou de Lisboa o sr. José Dias Lagos Júnior, industrial em Olhão.

CINE-TEATRO

Repete-se hoje, em duas sessões, às 19,45 e às 22,15, o super-filme português *José do Telhado*, que ontem se apresentou pela primeira vez nesta cidade com geral agrado do público. A realização e produção deste filme é do cineasta algarvio Armando de Miranda.

Amanhã exhibe-se a divertida comédia *Assim é que elas gostam*, com Henry Fonda e Olivia de Havilland, e o filme dramático *Promessa cumprida*, com Kay Francis. No próximo domingo, de tarde e à noite, o filme espanhol *Rainha Moura* e o filme dramático *Abnegação*.

O Milagre de Fátima

(Continuação da 1.^a página)

nal. Antes, porém, de prosseguir, cumpre-me esclarecer que não tive oportunidade de ver o trabalho de Jan B. Slepner no original. Apenas me foi dado observar uma cópia, obtida do «cliché» zincográfico que os leitores encontrarão reproduzido neste periódico. Com tão escassas possibilidades de análise, sobretudo difícil se torna emitir um juízo seguro. Na pintura, a cóp é elemento essencial. Não bastam o motivo inspirado, o desenho certo, a perspectiva correcta, a técnica perfeita—aliás elementos também essenciais—, para lavarem uma tela à craveira das grandes obras pictoriais, e o artista que a produzir à altura dos mestres pintores. Antes, na harmonia de todos os elementos tidos como essenciais reside o valor de uma obra de Arte, tanto mais destacado quanto mais perfeita essa harmonia se patenteia. Uma falha—e na pintura a cóp é, de todos os elementos, talvez aquele em que desde logo uma falha se denuncia com maior evidência—, produz uma desagradável falta de equilíbrio.

Lógicamente, vemo-nos a comparar o *colorido* de um quadro com o *estilo* de uma peça literária. Um e outro atestam a frescura de inspiração, o vigor da forma, o domínio da beleza, e são a melhor pedra de toque da personalidade do artista. Ao sonho creador corresponde, como imperativo imediato, a premente necessidade de exprimir; a Arte resulta precisamente se, na maneira como tal expressão é conseguida, há aquele impenderável de onde a Beleza surge magnífica, eterna e radiosa, com seu mágico poder de comunicação.

Pode uma obra, cheia de intenção plenamente realizada, deixar nos indiferentes e frios. Para tanto, basta que a essa obra falte qualquer dos elementos que constituem o tal equilíbrio, tornando-a um todo único e belo. Como, portanto, considerar perfeitamente atingido esse objectivo final (a Beleza) numa tela sem cóp, ou numa peça literária sem estilo?

Como dizer aos leitores que é bela, sem restrições, uma tela de que se viu apenas uma cópia a branco e negro? Surpreender a realidade e transmiti-la com rigor fotográfico não é missão propriamente de artista; este só o é verdadeiramente quando, partindo embora da realidade comum, a transfigura pelo seu génio creador, apresentando-a como uma sua realidade diferente e «interior». Sob vários aspectos a tela de Jan B. Slepner parece produto de uma forte e vinculada personalidade de creadora. Tocada de mística religiosa, a expressão com que nos «diz» o milagre da aparição de Fátima atinge as cumieiras a que só chegam os raros artistas. Na Virgem há toda a sugestão da divindade, figura em recorte sobre fundo bucólico, vestes caídas em linhas dum primitivo a lembrar gótica imagem de vitral. Toda a espiritualidade, toda a «graça» da cena da sagrada Aparição ali está condensada, nessa figura hierática, serena, unificada de uma luz que dá estranho relêvo à plácida candidez do rosto e à postura das mãos erguidas, juntas, em direcção ao céu. Todo o fundo é um deslumbramento de suavidade—árvores, flores, ovelhinhas mansas em pasto tranquilo ou em repouso dormitar—, e a composição tem frescura e originalidade. Finalmente, os pastores têm um ar de «encantados» ante o milagre estranho. Mais vigoroso o recorte do rapaz, mal surgindo a cabeça das pequenas, são eles a nota humana do quadro.

Mas uma nota de decidida ternura, de poética presença, de inocente convicção religiosa ante o vulto da «Senhora». Tudo isto pôsto com técnica da melhor, com desenho certíssimo, com planos e perspectivas exactas e naturais. Isto é: com todos os elementos essenciais devidamente conjugados para a consecução da «harmonia» que atraz me referi. Mas a que ponto a cóp—outro elemento «essencial» que não nos é dado apreciar agora—, concorrerá, no original, para estabelecer o equilíbrio desta obra de que até aqui vimos tudo «certo»? Eis o que tenho pena de não poder saber.

Do que não há dúvida é que a Arte é tanto mais alta quanto maior for nela a expressão conseguida de eterno e de universal. Eterna é a religiosidade que a tela de Jan B. Slepner representa, e universal o pendor da humanidade para crer nas maravilhosas forças do invisível, para acreditar em milagres divinos. Nesse pendor se firmam, exatamente, todas as religiões. Assim, tenho por certo que a tela deste moço holandês de pouco mais de vinte anos poderá ser admirada e louvada em qualquer parte da terra onde haja almas cristãs e, sobretudo gente entendedora da verdadeira Arte.

E, trazida a questão para o nosso lado, só vemos motivos para nos regosijarmos por que Fátima tenha dado ensejo a um grande artista estrangeiro de proporcionar a Portugal tão bela e grande homenagem.

João Braz

Ecos de uma tragédia

Por terem concorrido para o salvamento de quatro tripulantes do barco N. O. 317-B, naufragado em 8 de Outubro do ano findo a sotavento da barrinha do Ancão, receberam diplomas de honra do Instituto de Socorros a Náufragos, José Baptista, José Emilia, Armando José, Luis Paulino, Joaquim Baptista Brenha e Manuel Martinho Estrela, respectivamente, mestre, motorista e tripulantes do barco «Maria da Nazaré Segunda».

TODO O ALGARVE EM POUCAS LINHAS

Foram declarados vagos os seguintes lugares das escolas de ensino primário elementar: sexo masculino de Quelfes, concelho de Olhão; feminino de Albufeira, sede do concelho, e mixtas do Vale da Parra, concelho de Albufeira; Altura, concelho de Castro Marim, e Palmeiral, concelho de Loulé.

Pelo Fundo de Melhoramentos Rurais foi concedida à Camara Municipal de Vila do Bipo, uma comparticipação de 44.325\$00, para a construção do caminho daquela vila à Praia de Castelejo.

Foi prorrogado por mais 4 meses, o prazo estabelecido à comissão fabricadora da igreja matriz de Monchique, para a conclusão dos trabalhos de reparação que está levando a efeito na mesma igreja e que são comparticipados pelo Fundo de Desemprego.

A Santa Casa da Misericórdia de Tavira vai sofrer uma importante transformação, em face do disposto no Estatuto de Assistência Social e da Reforma Hospitalar.

Satisfazendo os desejos que há muito vinham sendo manifestados pelos povos da região, foi recentemente criado em Martinlongo um sub-posto da G. N. R.

A importante aldeia de Bordeira, concelho de Aljezur, vem solicitando com o maior interesse a instalação de um posto telefónico público, cuja falta muitíssimo se faz sentir em face do isolamento de outros centros populacionais em que ainda se encontra.

NECROLOGIA

José de Santa Clara Mateus

Faleceu há dias em Albufeira o sr. José de Santa Clara Mateus, solicitado encartado, que exerceu o lugar de presidente da Camara Municipal do mesmo concelho após o advento do 28 de Maio e era pessoa geralmente benquista pelas suas excelentes qualidades de caracter.

Também faleceram:

Em S. Bartolomeu de Messines, os srs. Manuel das Neves, proprietário, de 48 anos, que deixa viuva a sr.^a D. Piedade Sastreiro; José Agostinho Catarino, viuvo, de 81 anos, proprietário no sítio do Barrocal; José de Sousa, casado, proprietário, de 75 anos, e Joaquim António, casado, trabalhador, de 73 anos; em Loulé o sr. José da Cruz, natural de Boliqueim e, tio do sr. Padre João Coelho Cabanita, pároco de S. Clemente, e em Lisboa, a sr.^a D. Maria Ana Marques, de 82 anos, natural de Monchique, o sr. Sebastião de Sousa Bela, de 61 anos, natural de Loulé, funcionário do cemitério do Alto de S. João, que deixa viuva a sr.^a D. Raquel Carapeto Bela, e a sr.^a D. Maria da Assunção Pereira, viuva, de 73 anos, natural de Olhão.

MISSA

Por alma do sr. José da Silva Oliveira, de Alcaria, freguesia de Paderna, mandam sua viuva e filhas celebrar meio-officio e missa cantada no próximo sábado, dia 6, pelas 9,30 horas, na igreja da Sé, em comemoração do 30.^o dia do falecimento.

Banda da L. P.

A Banda da Legião Portuguesa dá no próximo domingo o seu concerto habitual no Jardim Manuel Bivar, das 17,30 às 19,30.

VIDA RELIGIOSA

Comunhão Pascal

As benjaminas da Acção Católica e as meninas que queiram associar-se-lhes, cumprirão no próximo domingo o preceito da Comunhão Pascal, que lhes será distribuída por Sua Ex.^a Rev.^a o Senhor Bispo, à Missa das 9 horas, na Sé Catedral.

Septenário de Nossa Senhora das Dores

Na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco desta cidade, inicia-se hoje o Septenário em honra de Nossa Senhora das Dores.

A devoção que costuma ser das mais concorridas nesta cidade, tem lugar às 21 horas,

Procissões de Passos

Com o tradicional brilhantismo, realizam-se no proximo domingo as Procissões de Passos em Estoi e Moncarapacho, tudo fazendo prever larga concorrência de fieis.

Barco de recreio novo VENDE-SE

Quem pretender dirija-se ao Largo dos Mouras Velhas, 25 Faro.

Subsídios para a história local

As procissões tradicionais de Faro

Como se realizava a dos RAMOS

Pelo Padre J. A. Pinheiro e Rosa

(Continuação do número 1.481)

Realiza-se na manhã de Domingo de Ramos e é destinada a comemorar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Segundo Etería, peregrina espanhola aos Lugares Santos, já no século IV a Procissão dos Ramos se realizava naquela cidade e ao vivo, indo o Bispo montado numa jumenta.

A cerimónia é um mixto de alegria e tristeza. As imagens continuam veladas e o roxo das vestes e alfaías melancoliza o ambiente mas os ramos verdejantes e floridos dão-lhe uma frescura primaveril.

A *benção* dos ramos é uma espécie de missa, contendo todas as partes a que se costuma chamar missa dos catecúmenos.

A chegada do celebrante ao altar o côro canta-lhe como a multidão e os meninos de Jerusalém: «Hosana ao Filho de David».

O subdiácono lê uma passagem do livro dos Números em que há referências a palmeiras e fontes, aquelas símbolo das que victoriam a entrada de Cristo, estas figura das fontes do baptismo.

O côro, em expressivo responsório, recorda as maquinações dos Pontífices e Fariseus contra o Messias.

O diácono lê então solenemente o episódio de Bethfagé, a chegada da burra, figura do povo judeu sujeito ao jugo da lei e do burrinho solto, símbolo da Gentilidade.

E começa a *benção*. Glorifica-se a oliveira, que anunciou a Noé o fim do dilúvio, a oliveira que a pomba trouxe no bico ao voltar à Arca, a oliveira da esperança e da paz, a oliveira do triunfo.

O canto sacerdotal eleva-se, solene, ao tom prefacial, chamando todas as criaturas a louvar o Deus Eterno e termina pelo *Sanctus*, como se realmente se fôsse celebrar o Sacrificio. Tanta a solenidade de que se quiz revestir esta cerimónia!

Benizados os ramos, são distribuídos ao som dos cânticos que os meninos hebreus entoaram outrora e que são das mais graciosas melodias gregorianas.

Durante a procissão em que todos levam palmas, mais ou menos artisticamente ornadas, canta-se a narração desse cortejo triunfal com que Cristo foi conduzido à cidade que, dentro de dias, havia de pedir a sua morte.

Mas, quando se volta à igreja, encontra-se a porta fechada. O simbolismo da cena transportou-se da terra para o céu. Cristo, Rei da glória apresenta-se à porta do céu, fechada pelo pecado de Adão e, depois de ter triunfado do pecado e da morte pela cruz, abre pela sua autoridade soberana essa mesma porta. Isto é simbolizado pela pancada que o subdiácono dá na porta da igreja com a haste da cruz.

E as estrofes do hino *Gloria laus*, que se canta nesta conjuntura, ora de dentro, ora de fora do templo, dão-nos a impressão da voz do céu respondendo à da terra.

Este hino tem a sua história. Falsamente acusado de ter tomado o partido de Bernardo, rei de Itália, contra Luis o Bonachão, Teodulfo, bispo de Orléans, foi lançado na prisão de Angers. Luis o Bonachão encontrava-se em Angers em 821 por ocasião da festa dos Ramos. Quando a procissão passou diante da prisão, ouviu-se uma voz que cantava: *Gloria, laus et honor*. Era do bispo, que tinha composto este hino e do fundo do cárcere implorava o rei. Diz-se que às palavras: «Rex pie, rex clemens», Luis se enterneceu e restituiu à liberdade o bispo poeta.

A igreja adoptou seis estrofes deste hino. Reentrada a procissão, segue-se a missa, na qual todos sustentam os ramos, enquanto se canta a Paixão e o Evangelho.

Na Sé de Faro tem sido sempre costume presidir à procissão o Bispo. O cortejo antigo tinha a mesma composição que apontei para a procissão das Candeias, só com a diferença que as Dignidades e Cônegos levavam as suas *caudatas*, cujos capêlos os assemelham aos dos lentes universitários.

A procissão dava volta ao largo da Sé, o que seria para desejar que voltasse a fazer-se, pois prejudica muito o significado da cerimónia e tende um pouco para o caricato o que hoje se pratica—apenas saída a procissão volta-se logo para a porta a proceder ao final.

Que isto se fizesse nos calamitosos tempos em que as vestes sagradas não podiam respirar o ar livre, justifica-se. Já não pode ter hoje outra justificação senão a de um hábito contraído.

A missa de Círculo, cujo cerimonial já apontei, pertencia neste dia ao *Chantre*—a terceira dignidade do Cabido.

F I M

Empresa Fabril do Algarve, L.^{da}

Fábrica de Mosaicos.

Representante no Algarve do CIMENTO «LIZ»

Telefone 41

F A R O

VENDE-SE

Um prédio na rua do Alportel (casas de moradia e dois amplos armazéns com grande quintal) com duas entradas, uma pela rua do Alportel e outra pela rua Coelho de Melo.

Tratar com o próprio, Luiz Cartaxo, na rua do Alportel, 60 das 13 às 15 horas, em Faro.

José Duarte de Aragão Teixeira

Advogado

Rua de São Pedro, FARO

NEVES ANACLETO

ADVOGADO

Avenida 5 de Outubro—FARO

AZEITONAS

Vende, Bical e Galega, curtida muito boa. Manuel Borrego, Praça Sacadura Cabral n.º 30, Moura (Alentejo).

Toiro holandês

para pai, vende-se na Quinta das Várzeas, sítio da Altura.

Vida Desportiva

Olhanense 3 Atlético 0

Muito entusiasmo, muito nervosismo e pouco jogo.

A falta de Moreira e Grazina, especialmente este ultimo jogador, modificou completamente a toada olhanense, e até a fisionomia técnica da partida.

Viu-se um jogo movimentado, pletórico de energia, em que a bola era imediatamente despachada sem uma finalidade consciente, que caracteriza o jogo de conjunto que se chama futebol.

Não afirmaremos que a competição desagradou à assistência, porque o pontapear da bola por jogadores já feitos não sofre da monotonia que se pode observar em qualquer categoria inferior, mas no fundo o jogo desenvolvido foi o mesmo. Fallou em qualquer dos dois grupos a cabeça orientadora, capaz de explorar a fraqueza técnica do adversário, e como o melhor apetrechado nesse capítulo era o Olhanense, foi esse clube que no declinar da partida venceu o desafio, que o veterano Grazina, que não alinhou, ia perdendo...

O Olhanense em todos os 90 minutos nunca foi capaz de se impôr ao adversário, resultado inevitável desde que lhe aceitou a toada à base de energia e de improvisação no único intento de destruir jogo, com uma meia defesa que apenas pretendia aliviar, com um João dos Santos, atrás da bola que sempre lhe fugia, porque nunca a soube dominar, embora no seu lugar usual e no conjunto da equipe seja dos jogadores inais úteis.

Mas a vitória chegou!.. Bastando a inspiração momentânea de João da Palma, a calma de Salvador, que também havia perdido a cabeça, para que a linha avançada do Olhanense vencesse o desafio uma vez que nada podia esperar da sua rectaguarda.

E assim acabou um jogo que tanto fez sofrer a assistência, que nem sempre soube mostrar aquela elemental delicadeza que alguma vez esperamos observar nos campos de futebol do nosso país.

Tabela da classificação geral:

Clubes	Jogos	Golos	P.
Benfica	15	55-20	25
Belenenses	15	53-17	24
Olhanense	15	51-22	21
Sporting	15	47-22	21
Atlético	15	23-40	16
F. C. do Porto	15	41-32	14
Vitória de Setúbal	15	33-38	14
S. L. e Elvas	15	32-51	13
V. de Guimarães	15	31-38	12
Académica	15	29-52	9
Boavista	15	29-51	8
Oliveirense	15	13-54	3

Jogos para o próximo Domingo:

No próximo domingo, 6, disputando-se os seguintes encontros:

Porto-Académica.
Benfica-Olhanense.
Atlético-Elvas.
Vitória de Setúbal-Sporting.
Vitória de Guimarães-Belenenses.
Oliveirense-Boavista.

PRECISA-SE

Casa com muitas divisões, situada na parte central da cidade. Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Erva verde de bérsm, luzerna e trevo da Pérsia vende-se a \$50 o quilo, na Quinta das Várzeas, sítio da Altura.

Portimonense 2 Luso de Beja 0

Venceu na II Liga o representante algarvio, que nunca vimos jogar mas que os seus entusiastas afirmam poder honrar a nossa Província.

Ainda bem!.. O nosso jornal enviará um seu colaborador de propósito a assistir ao próximo jogo, no desejo sincero de o acompanhar na luta que vai travar. Já não é só o Portimonense, é mais um representante algarvio, e, esse facto merece-nos todo o interesse que o nosso bairrismo saído pretende sempre imprimir ao espírito das coisas.

C. do N.

Mocidade Portuguesa

No passado domingo realizaram-se no campo de jogos do Liceu João de Deus, as provas finais dos campeonatos do Algarve da Mocidade Portuguesa.

Em basket-ball (juniões), a Ala 7 de Olhão, venceu a Ala 1, de Faro e na prova de iniciados a Ala 1, de Faro, ficou vencedora por não ter comparecido a Ala 2, de Lagos.

Em volley-ball (infantes), a Ala 1, de Faro, venceu a Ala 4, de Silves e na prova de vanguardistas e cadetes a Ala 3, de Portimão, venceu a Ala 1, de Faro.

Ministério da Economia

Sub-Secretariado de Estado da Agricultura

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas

EDITAL

José Pereira Fialho Júnior, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber, para execução do disposto no Art.º 17.º do Decreto n.º 31.445, de 4 de Agosto de 1941, que António Nobre Amado, residente em Aguas Alvas—Monchique, requereu autorização para instalar um lagar de azeite, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio, inquinação das águas, no lugar de Aguas Alvas, freguesia de Monchique, Concelho de Monchique.

Quaisquer impugnações ou reclamações sobre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, deverão ser apresentadas, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na sede da Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas—Avenida de Berne, n.º 85, Lisboa—onde poderão ser examinados, pelos interessados, os documentos juntos ao respectivo processo.

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Lisboa, em 22 de Março de 1946.

O Inspector Geral,

José Pereira Fialho Júnior

Manuel Pedro Madeira

Palma e esparto em rama e obra

Manufatura de vassouras de todos os sistemas
Rua Nova da Piedade LOULÉ

Aparelho de telefonia

Vende-se, ondas médias e curtas, 6 lâmpadas, como novo. Informa-se na Tipografia União—Rua Tenente Valadim—FARO.

Notícias breves

Foi um dos delegados de Portugal à Conferência Meteorológica Internacional realizada em Londres, o nosso comprouvenciano sr. capitão de fragata Joaquim de Sousa Uva, que, por via aerea, regressou há dias a Lisboa.

Já tomou posse do lugar de Delegado do Procurador da República nesta comarca, para que foi recentemente nomeado, o sr. dr. João António de Oliveira Reboredo.

O sr. dr. Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas foi nomeado para o lugar de subdelegado estagiário do I. N. T. P. no nosso distrito.

Foi concedido aumento de vencimento por diuturnidade, às professoras de ensino primário elementar sr.ªs D. Maria José de Brito, Cristóvão e D. Vitória Gonçalves da Soledade, ambas da escola de Boliqueime, e D. Rudolfia de Oliveira Nunes Calvário, da escola de Monchique.

Foi transferida do posto escolar de Estibeira, para o de Vale da Vaca, ambos no concelho de Boliqueime, a sr.ª D. Maria João Jorge Prudêncio.

O sr. Justino Camilo do Nascimento foi contratado para desempenhar as funções de escriturário de 2.ª classe da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Foi colocado na Direcção de Estradas de Faro, o chefe de conservação de 2.ª classe sr. José Francisco dos Santos Nobre.

Assumiu a gerência da filial do Banco Nacional Ultramarino em Tavira, o sr. Antonio de Jesus Xavier Avó, que na agência de Faro desempenhava as funções de 1.º empregado e que nesta cidade deixa muitas simpatias.

Pela última «Ordem do Exército» foi promovido a tenente-coronel o sr. major Amadeu Viegas Olival.

O sr. dr. Carlos Luis da Rocha, notário da comarca de Vila Real de Santo António, com sede em Alcoutim, foi transferido como requereu para idêntico lugar na comarca de Torres Novas, com sede em Alcanena.

Foi nomeado para exercer interinamente o lugar de notário em Ferreira do Alentejo, durante o impedimento do sr. dr. António Jose de Sousa Magalhães, o notário da comarca de Tavira sr. dr. José Caldeira Soares de Albergaria Bandeira Pessanha.

A seu pedido, foi exonerado do cargo de ajudante da Conservatória do Registo Civil do concelho de Castro Marim, o sr. Narciso André Pessanha.

O sr. António Gonçalves Baptista, chefe de conservação de 2.ª classe da Junta Autónoma das Estradas, em serviço na Direcção de Faro, foi transferido, como requereu, para a Direcção de Lisboa.

Foi contratado para escriturário de 2.ª classe, interino, da secretaria judicial da comarca de Loulé, o sr. Joaquim Guerreiro.

Foi nomeado ajudante do posto de Registo Civil da freguesia de Giões, Alcoutim, o sr. António Mateus.

Ao sr. Eduardo Gonçalves Dóres, professor de canto coral do quadro do Liceu desta cidade, foi concedido aumento de vencimento correspondente à 1.ª diuturnidade, a partir de 26 de Dezembro de 1945, por ter completado 10 anos de serviço.

Foi aprovado o contrato elaborado com o sr. Tito Augusto da Silveira Branco e Brito para o exercício das suas funções de escriturário de 2.ª classe do quadro dos Tribunais de Trabalho, sendo colocado no Tribunal de Beja.

O sr. Joaquim Manuel Gonçalves, guarda-fios de 3.ª classe, foi transferido por conveniência de serviço de um cantão com sede em Olhão, para outro com sede em Beja.

MARILENA água de colónia suave e deliciosa

Vende-se a péso na:
Farmácia DR. GRAÇA MIRA
42, Rua D. Francisco Gomes, 44
Telefone 101 FARO

Automóveis de aluguer

Ildefonso Rodrigues

Telefone N.º 13 FARO

Farmácia Dr. Graça Mira

Completo sortido de perfumarias dos melhores fabricantes

Grande variedade de Especialidades farmacêuticas, nacionais e estrangeiras

PENICILINA

42, RUA DOM FRANCISCO GOMES, 44

Telefone 101

FARO

Ginásio Clube Naval

(Continuação da 4.ª página)

nossa obra, em primeiro lugar, dirigimos os nossos esforços para a construção duma sede que fosse ampla, moderna, com possibilidades, onde durante todo o ano os sócios se sintam bem, criando amizade entre si pelo convívio diário, com manifestações de recreio.

Ajudados por dois ilustres membros do nosso Conselho Fiscal que têm sido para nós duma amabilidade a toda a prova, contamos ainda este ano iniciar a sua construção.

—Mas têm trabalhado...

—Temos, sem dúvida, mas o nosso trabalho tem sido ordenado, ponderado, porque não queremos farronadas balófas, nem histerismos perniciosos... Queremos ordem em tudo e em todos. Não queremos recompensas, mas também não admitimos faltas da consideração, que nos seja devida.

—Permita-me que lhe pergunte quais as razões da pouca actividade do clube?

—A actual sede. Enquanto a nova sede não estiver concluída, temos procurado por toda a parte uma casa aonde punhamos em prática o nosso plano, que consiste na criação de várias secções como: remo, vela, natação, campismo, pesca, tennis, basket, voley, ping-pong, bilhar, ginástico, atletismo, patinagem, cultura e propaganda e todas a que a Direcção julgar oportuno criar para interesse dos sócios.

—Mas isso é um trabalho exaustivo para pôr os atletas de todas essas secções em competição.

—Somos adeptos, desculpe-me o paradoxo da descentralização centralizada, não só porque uma direcção que tudo queira fazer termina por nada realizar, só criando confusão, como também porque interessando os sócios nas suas modalidades preferidas, nunca originamos um dos maiores males das colectividades que é o cansaço, a saturação e consequentemente o desleixo e o abandono.

Damos a cada secção a autonomia bastante para trabalhar, elaborando o seu programa, mas este tem de ser apreciado pela direcção, que é a entidade soberana a dentro das realizações do Clube.

Os Estatutos actuais não podem adaptar-se a semelhante orgânica, razão porque estamos a elaborar novos Estatutos que brevemente submetemos a apreciação da Assembleia Geral.

—Mas não lhe parece que semelhante organização descentraliza demasiado os poderes da direcção?

Não senhor, porque em cada secção está um membro da Direcção sempre presente às suas reuniões, o que nos permite, sem perca de tempo, termos, quando reunirmos, na nossa mão todos os elementos de que necessitamos, Além desta vantagem vamos criando pelas várias secções, indivíduos que se vão formando na difícil arte de dirigir, trabalhando. Já temos um exemplar no nosso clube, a nossa Comissão de Iniciação e Fundo de Material a qual elaborou já o seu programa de realização e junto da qual trabalha o secretário da Direcção, o elemento imprescindível de ligação.

—Cria que estou interessado. Só lamento o tempo que lhe estou a tirar...

—Na verdade, tenho os meus afazeres profissionais, mas não quero deixar de lhe dizer mais alguma coisa para terminar: vão iniciar-se em breve os trabalhos para amarração na doca, dos barcos de recreio e da balizagem do caminho

JORNAIS & REVISTAS

«AFINIDADES»

Recebemos o n.º 16 desta magnífica revista de cultura luso-francesa, de que é proprietário o Instituto Francês em Portugal, que iniciou a sua publicação em Faro e que presentemente se publica em Lisboa, ainda sob a competente direcção do nosso ilustre colaborador sr. dr. Francisco Fernandes Lopes.

O belo número que temos presente é, em grande parte, consagrado a Eça de Queiroz, sobre quem publica artigos de João Gaspar Simões, Pierre Hourcade, Ramada Curto e Abel Salazar. Insete um bom retrato do escritor homenageado e outro do professor Charles Leprieux, recentemente falecido, e ainda artigos de Mário Dionizio, Violante Canto da Maia, Roberto Nobre e Manuel de Campos Lima, além das habituais crónicas e secções sobre música, cinema, crítica literária, revistas, bibliografia, etc.

«A DEFESA»

Com o seu último número completou 25 anos de existência o importante semanário católico «A Defesa», que se publica em Evora sob a proficiente direcção do sr. cônego dr. José Filipe Mendeiros.

Dele se pode dizer que cumpre galhardamente uma divisa, «Dar Deus a Portugal e Portugal a Deus», que bem podia servir de lema a todos os portugueses.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

5.ª feira

Dr. Graça Mira—Rua de D. Francisco Gomes.

6.ª feira

Higiene—Rua de Ivens

Sábado

Costa—Rua de S. António.

Domingo—(dia e noite)

Eusébio—R. Cons.º Bivar.

2.ª feira

Higia—R. de Sto. António.

3.ª feira

Alexandre—Rua de Ivens.

4.ª feira

Paula—R. Cons.º Bivar.

OS MELHORES ALVAIADES

RECLAME

GRANDE EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA-1952

MEMBROS DO JURADO

A MAIOR ALTA RECOMPENSA

MANOEL A. CALADO & C. L.

19a 23-1.º CORPO SANTO, 19a 23

TINTAS DROGAS
PRODUTOS QUÍMICOS
PERFUMARIAS

TELEFONES:
2 6123/25
TELEGRAMAS:
TINTAS-LISBOA

VENDAS POR GROSSO E RETALHO
GRANDES DESCONTOS DE REVENDA

VENDE-SE

Um chocadeira para 400 ovos e uma grade para destorroar e lavar com 12 discos Emersom.

Tratar na R. do Salto, 38—Tavira.

Debulhadoras

Vendem-se duas, a vapor com locomovel e caminheira. Dirigir a Dr. Augusto Melo—Ourique.

PRÉDIOS

Vende-se dois, de construção recente, com chave na mão. Trata: Largo de São Pedro, 10 Faro.

para a ilha. Teremos ainda este ano, na nossa linda ria, provas de remo, natação e vela.

E fazendo votos pelo desenvolvimento do Ginásio Clube Naval, despedimo-nos do seu Presidente.

Construções "OPTIMUS"

Avenida da República, 130 - FARO

Móveis-Ficheiros e outros diversos para equipamento de ESCRITÓRIOS

Móveis para Gabinetes médicos e Laboratórios

Móveis diversos para Casas de banho, Cozinhas, Vestiários, etc. construídos segundo moldes americanos e pintados a Tinta Mate (aveludado).

SORTIDO COMPLETO DE CORES

Todas as cambiantes desde os MARFINS sombreados às cores vivazes e às fantasias - metalizadas e radiantes - inalteráveis.

Algarvios em destaque

Armando de Miranda



A exibição do filme «José do Telhado», que ontem se estreou com agrado no cine desta cidade e que hoje se repete na mesma casa de espectáculos, proporciona-nos o agradável ensejo de pôr em destaque a figura de um algarvio, poeta de indiscutível mérito e nosso antigo colaborador.

Referimo-nos a Armando de Miranda, realizador do referido filme, uma das pessoas a quem o cinema nacional presentemente mais deve e algarvio muito dedicado à província em que nasceu e que sempre tem procurado servir em varias modalidades.

Não vem a propósito desta homenagem que muito gostosamente lhe prestamos e várias circunstâncias, mesmo em qualquer outra oportunidade, teriam tornado justa, falar do filme que é mais propriamente a sua causa próxima.

No entanto, queremos registar que ele foi tido pela crítica como uma das melhores produções nacionais no género e tem sido recebido com satisfação pelos públicos mais exigentes.

Notícias de ESTOI

A fim de observar a estrada da Alcaria Cova e a nova terraplanagem pelo Cerro do Lobo para a ligação desta aldeia por estrada com Moncarapacho, passaram por esta aldeia os srs. dr. Antero Cabral, digníssimo Governador Civil do Distrito; capitão Matias de Freitas, presidente da Camara Municipal de Faro; dr. Matos Parreira, presidente da comissão distrital da U. N.; e dr. Lyster Franco, presidente da comissão concelhia da U. N.; aos quais se juntou aqui o sr. António V. Picanço, vereador da Camara de Faro.

Esperavam-nos no limite da estrada da Alcaria Cova entre muitas dezenas de pessoas o sr. Francisco Ladeira, presidente da Casa do Povo de Moncarapacho e o proprietário Francisco de Brito que após os cumprimentos de boas vindas, prestaram aos ilustres visitantes todos os esclarecimentos considerados necessários.

O senhor Francisco Ladeira e Francisco de Brito são de opinião que não se devem desprezar cinco quilómetros de estrada já feita, que além de representar um capital muito apreciável do património camarário, tem a vantagem de ser de continuação económica e muitíssimo mais favorável do que pelo Cerro do Lobo.

Por outro lado há quem seja acérrimo partidário deste último traçado.

Há vários anos que se mantém esta discordância que tem prejudicado enormemente não só os interesses camarários de Faro e Olhão, pela grande demora da construção e o respectivo aumento no custo dos trabalhos, mas principalmente os imensos interesses que essa ligação representa para toda a região que a estrada atravessa, assim como o encurtamento de algumas leguas entre os concelhos de Tavira e Loulé.

Conhecedores do assunto, e não querendo defender uma corrente de opinião em prejuízo da outra, fazemos votos para que ela se conclua por qualquer das partes, e se não deixem passar outros doze anos sem nada se resolver, mantendo-se em estado de completo abandono aqueles cinco quilómetros de estrada.

Dizem os vizinhos da Alcaria Cova, e talvez não lhes falte razão, que há três meses que se estão gastando na estrada de Olhão várias dezenas de contos em escavações, carretos e enchimentos sem nenhuma utilidade prática, ao passo que a estrada existente, o caminho das suas casas há já 4 anos que se mantém abandonado, pois nele nem sequer se tem lançado o indispensável ensaibramento para a conservação.

Estão assim a sofrer enorme prejuízo na condução dos seus produtos e a ver perder-se um capital que não mais se tornará a obter.

O Circulo Cultural do ALGARVE

trouxe à nossa provincia

a sr.^a D. Irene Lisboa

Prosseguindo na sua tarefa de fornecer cultura aos algarvios, o Circulo Cultural do Algarve proporcionou há dias ao público desta cidade e parece que ao de outros pontos da provincia, a audição da escritora e pedagoga sr.^a D. Irene Lisboa (João Falco) e da declamadora sr.^a D. Manuela Porto.

E, ou fôsse porque se tornara conhecida a forma por que tinham decorrido duas conferencias que a primeira daquelas senhoras realizou na capital do norte e a que a «Vitoria» largamente se referira no seu numero de 23 de Março, ou fôsse porque a mesma senhora tem em Faro muitos conhecedores da sua obra literária e da sua acção pedagógica ou ainda pelo simples desejo de ouvir a declamadora, é certo que o Circulo registou uma das suas boas enchentes, vendo-se até forçado a instalar alto-falantes para que nada da promettedora audição perdessem numerosas pessoas que não tiveram lugar na sala.

Por circunstâncias de caracter particular, não nos foi possível assistir à conferencia e ficamos por isso impedidos de avaliar a forma, certamente inteligente e hábil, como a antiga bolseira do Instituto para a Alta Cultura e ex-inspectora-orientadora do Ensino Primário conseguiu desenvolver o tema, «Considerações sobre a moderna poesia», servindo ao mesmo tempo os propósitos, meramente culturais, que a têm levado ao sacrificio de deslocar-se de um extremo ao outro do País, mas pessoas que a ouviram e que nos merecem toda a confiança e o maior respeito intelectual, garantiram-nos que o seu trabalho esteve longe de agradar em absoluto, de corresponder à curiosidade que à sua volta se fizera e de atingir mesmo o nível cultural e educativo de outras conferencias que, pessoas até com menos projecção literária, no mesmo Circulo têm levado a efeito.

A conferente foi apresentada ao público pelo sr. dr. Manuel Pinto e a sr.^a D. Manuela Porto, ilustrando a palestra com vários recitativos, ainda que também não tivesse agradado em absoluto, houve-se de forma a merecer as palmas que lhe deram.

A sr.^a D. Irene Lisboa, ainda sob o patrocínio do Circulo Cultural do Algarve que assim vem alargando muito auspiciosamente a sua acção, falou depois em Portimão sobre «Analfabetismo», repetindo muito possivelmente a conferencia que, sob o mesmo tema e com o mesmo título, um pouco atrabiliariamente, realizara no Porto, e deslocou-se a Lagos e a Silves, onde o mesmo assunto—pelo que se vê particularmente grato ao espirito da autora—foi mais uma vez versado.

Visita de estudo

Anuncia-se para depois das férias da Páscoa, a vinda a esta cidade dos alunos do 3.º, 4.º e 5.º anos da Escola Industrial e Comercial de Vitorino Damazio, de Lagos, que vêm retribuir a visita que no ano passado lhes foi feita pelos alunos da Escola Industrial e Comercial de Tomás Cabreira.

Aposentações

Foram aposentados voluntariamente com as pensões anuais, respectivamente, de 3.808\$00, 5.130\$00 e 1.947\$27, os srs. dr. Luís Patricio Filipe, médico do 3.º partido da Camara Municipal de Olhão, João Pinto Ribeiro, agente de 2.ª classe da Caixa de Crédito Popular, da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, e Manuel Nunes dos Reis, cantoneiro de 1.ª classe da Direcção de Estradas do Distrito de Faro.

Também foi aposentado obrigatoriamente, com a pensão anual de 8 064\$00, o sr. António do Nascimento Teixeira, aspirante da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, colocado na Secção de Finanças de Tavira.

A VISITA da Esquadra Britânica

(Continuação da primeira página)

ramente, confessou, no referido banquete, o Almirante da «Home Fleet»: «Durante a recente tremenda guerra, os serviços que Portugal prestou ao meu país, foram tidos em alto valor e talvez em parte nenhuma mais do que no Almirantado Britânico durante os dias sombrios da Batalha do Atlântico». E noutra passagem do referido discurso: «Pertencemos a dois países que desempenharam um papel importante na história do cristianismo e da civilização. Os nossos ideais espirituais, os nossos interesses nacionais, a nossa concepção da humanidade ensinaram-nos a ajudar-nos um ao outro, com beneficio mútuo».

Estas palavras do bravo homem do mar são um testemunho bem eloquente da amizade da Inglaterra por nós; são uma solene demonstração do reconhecimento do povo britânico para com os dirigentes da Nação Portuguesa; são a mais solene e evidente confirmação da nossa política externa.

A estas manifestações de carinho respondeu o nosso Venerando Chefe de Estado, o Senhor General Carmona: «... A amizade luso-britânica não é o apanágio de uma geração ou de uma época. A nossa aliança representa para portugueses e ingleses, uma verdadeira instituição política e moral, uma associação tradicional de interesses e de afectos, cuja estabilidade e permanência, únicas no Mundo, são tão grandes que ela tem assistido, prestigiosa, às mais profundas mudanças da História».

Na verdade, Portugal e a Inglaterra podem gloriar-se de possuírem esse exemplo único na história dos povos e das civilizações: uma aliança de seis séculos, aliança que se manteve sempre intacta através dos tempos e de todas as vicissitudes da história dos dois povos, vicissitudes as mais variadas e difíceis.

Pode muito bem afirmar-se que a aliança entre Portugal e a Inglaterra é uma «aliança verdadeiramente indestrutível», como bem o provam esses séculos sobre ela já decorridos. Esta aliança não é resultado de caprichos, nem de interesses de famílias reinantes; esta aliança nasce da conveniência dos dois povos, da sua igualdade de miras e de idénticos ideais civilizadores e humanitários.

Portugal e o Reino Unido estimam-se e apreciam-se reciprocamente; sabem muito bem, pelos testemunhos da história, que devem continuar a estimar-se e a apreciar-se. Nunca houve; mais ainda, julgamos que nunca poderá existir a menor dúvida a este respeito em qualquer dos dois povos da Europa Ocidental, os dois mais lídidos campeões dessa civilização tão característica do povo europeu.

Nesta época de enormes dificuldades para o mundo, as duas nacionalidades querem estreitar ainda mais os seus laços de amizade e de simpatia para bem dos dois povos, para bem da humanidade.

Prof. Braz dos Reis

Não se esqueça...

...que, se é contribuinte sujeito ao imposto suplementar, tem neste mês de Abril que apresentar ou renovar na Secção de Finanças do concelho em que reside, a declaração a que se refere o art.º 1.º do Decreto n.º 31.128, de 5 de Fevereiro de 1941.

...que na noite de 6 para 7 do corrente, que é como quem diz dos próximos sábado para domingo, tem que adiantar uma hora no seu relógio.

Em Outubro os relógios vêm de novo para trás, mas... descanse que nós, se Deus quiser, na altura própria o preveniremos.

...que, mesmo que chova, não pode levar o seu chapéu de chuva para o cinema. Tenha paciência... agüente-se.

As futuras realizações do Ginásio Clube Naval

Fala o sr. dr. Hortensio Lopes, presidente da respectiva Direcção

Informados de que o Ginásio Clube Naval, agora entregues os seus destinos a uma nova direcção, se propunha guindar a um nível de acentuado relêvo no campo desportivo-social, de que bastante tem andado arredado nos ultimos tempos, procurámos o seu presidente da direcção, Dr. Hortensio Lopes, como uma das pessoas que melhor nos podia elucidar sobre o que se passa dentro desta simpática colectividade.

Após os cumprimentos da praxe e firmados na boa amizade que nos liga, entrámos sem mais delongas no assunto da nossa visita...

—Então, sempre é certo o que consta, a respeito de grandes coisas pelo Naval?

—Grandes coisas, não sei o que o meu caro amigo quer dizer com semelhante afirmação, mas desde já lhe posso afirmar que a direcção do meu Clube elaborou já um vasto plano de realizações que, talvez não merecendo chamar-se de grandes coisas, pode pelo menos apelar-se de justas coisas.

—Mas... consta...

—Olhe, sou inimigo da publicidade fóra do tempo oportuno, razão porque esperava a altura própria para elucidar devidamente os meus consócios que pouco sabem da sua organização porque pouco a frequentam (talvez com razão porque ela pouco tem de acolhedora) e apenas se lembram que pertencem a esta colectividade na altura de lançarem os seus barcos à água.

—Pelo que vejo tem pensado demoradamente sobre o assunto.

—Assunto, não, porque entendo que lhes devemos chamar assuntos. Ora ouça, faz favor:

O Naval tem sido ultimamente um clube em que os sócios apenas têm por objectivo o registo dos seus barcos, porque não tendo uma sede condigna, nem outras modalidades desportivas em actividade, nada poderia oferecer de atraente, especialmente durante o inverno.

Um clube desportivo, é, a nosso ver, não aquele que faz vida e se ilumina externamente com uma ou outra vitória dos seus atletas (muitos deles feitos em colectividades alheias) triunfo esse produto da vontade de meia dúzia e que, semelhante a uma centelha, tão alto se levanta quanto depressa baixou, desapareceu e se foi quase sem deixar rasto...

Uma organização desportiva é aquela que faz trabalhar os seus

1.ª Exposição Nacional

de Avicultura e Cunicultura

Organizada pelo Posto Central de Avicultura, com a colaboração da Associação da Agricultura Portuguesa, realiza-se no Ginásio do Liceu de Camões, em Lisboa, de 20 a 22 do corrente mês de Abril, a 1.ª Exposição Nacional de Avicultura e Cunicultura.

A Exposição abrangerá as seguintes secções: Galináceos (Galos, galinhas, perus, faisões e pintadas), Palmípedes (Patos e gansos), Columbídeos (Pombos e rolas), Coelho. Material e produtos avícolas e cunicolas. Só se poderão inscrever animais isolados salvo para as galinhas de raças nacionais, em que serão admitidos também grupos compostos de 5 galinhas e 1 galo. Igualmente se poderão inscrever grupos de pintos de uma única raça, num mínimo de 8 exemplares. Nas secções de galináceos, palmípedes e coelhos, cada expositor não poderá inscrever mais do que um trio de cada raça ou variedade.

A inscrição encontra-se aberta na Secretaria da Exposição, Largo do Chiado, 8, 2.º, todos os dias úteis (excepto aos sábados), das 15 às 18 horas, encerrando-se, para cada secção, à medida que se for esgotando a respectiva lotação.

Os animais e material inscritos deverão dar entrada no recinto da Exposição no dia 19 de Abril, das 10 às 13 horas.

Transcrição

O nosso presado colega «Comércio de Portimão» transcreveu no seu último número parte da noticia que consagramos ás importantíssimas obras que vão ser levadas a efeito nas Caldas de Monchique.

Os nossos agradecimentos.

associados em todas as modalidades desportivas ligadas ao seu lema, interessando-os, chamando-os a lutar directa ou indirectamente pelo seu clube, despertando neles sentimentos de dedicação que serão as raízes alicerçais do futuro amor clubista, sem o qual não há, julgamos nós, possibilidades duma colectividade viver, nem de resistir as catástrofes em campo, ou às intempéries associativas...

—Concordamos, plenamente... Mas estou certo que se há-de procurar despertar os sócios da marasma em que se encontram.

—Queremos formar a Família Navalista unida pelo mesmo sentir e pelo mesmo ideal, que sinta, mas saiba sentir as alegrias e as tristezas (se é que estas algum dia possam existir) que ganhe com apuro e perca com dignidade, sem dar aos estranhos o espectáculo deprimente de rasgar os cartões do seu clube insultando os directores, etc.

—Mas constou-nos que o clube, no verão, se movimentava com os seus barcos de recreio.

—O nosso Naval tem de ser obra de muitos associados que à sua sede acorram na ânsia de cultivarem a modalidade que lhes agrade e não pertença de meia dúzia que o julgue propriedade sua, porque têm barcos a registar... e os outros não têm.

—Mas acha impossivel entrarem em actividade várias secções desportivas no seu clube?

—Para podermos levar a cabo a

(Continua na 3.ª página)

Martinslongo

inaugurou melhoramentos importantes e prestou homenagem ao Chefe do Distrito

A importante aldeia de Martinslongo esteve há dias em festa por virtude da inauguração oficial de um importante melhoramento. Tratava-se da rua principal da terra que deixou de ser uma arteria tortuosa e desalinhada para ser uma rua ampla, bem calçada e de bom aspecto, a que foi dado o nome do sr. dr. Antero Cabral, ilustre Governador Civil do Distrito.

Acompanhado de sua esposa, este se deslocou até lá para assistir à inauguração, sendo colhido pela surpresa de homenagem.

Com suas esposas, foram também os srs. drs. Matos Parreira e Igrejas de Bastos, respectivamente, presidente da Comissão Distrital da União Nacional e delegado do I. N. T. P., e o sr. capitão António dos Santos Cavaco, comandante da P. S. P. do distrito.

Aguardavam os visitantes, os srs. professor Mendes Amaral e Serafim, respectivamente, presidente e vice-presidente da Camara de Alcoutim, dr. João Francisco Dias, presidente da comissão concelhia da União Nacional, Artur Moura, antigo presidente da Junta de Freguesia que foi a alma do importante melhoramento, dr. Simões, Prior Julio Alves de Oliveira, além de muitas outras pessoas de cujos nomes não conseguimos tomar nota, numerosas senhoras, crianças das escolas, etc.

Depois de visitadas as instalações do sub-posto da G. N. R., ali recentemente criado, e as instalações provisórias da Casa do Povo, teve lugar uma sessão solene em que fizeram uso da palavra os srs. Artur Moura, em nome de toda a freguesia, Mendes Amaral, dr. Matos Parreira e Governador Civil, seguindo-se um budo aos pobres, oferecido na Casa do Povo e um magnifico Porto de Honra em que falaram, além dos anteriores, mais os srs. dr. João Francisco Dias e padre Oliveira.

Todos foram concordes em pôr em destaque os altos serviços que pelo sr. dr. Antero Cabral têm sido prestados a Martinslongo e, de uma forma geral, ao Algarve inteiro.